

Editorial

Por que escrevemos?

Poetas, escritores, compositores, escultores, pintores – seja em verso, seja em prosa, em claves e colcheias, na matéria bruta ou em tintas sobre a superfície nua –, cada um se expressa na linguagem própria do seu ofício e se faz partilhar na emoção que desperta. Essas são formas de escrita que tocam marcas singulares, imperceptíveis mas indelévels naqueles que delas fruem.

Se é assim, o que se pode compartilhar dessas formas de escrita? Talvez seja somente o arrepiado de cada um ao se sentir tocado nas suas marcas próprias, e a percepção de que o outro – o próximo – foi tocado em si mesmo. Talvez seja esta a forma possível de compartilhar o fruir da arte: reconhecer a pura diferença entre cada sujeito e a *extimidade* das suas marcas singulares.

A arte visa cativar aqueles que passam à sua volta. Diferentemente da linguagem do artista, o dizer do analista não objetiva cativar o analisando, mas toca no mesmo ponto que a arte evoca. Em certa medida, o artista e o analista se assemelham porque podem evocar o desejo ao tocar no objeto *a*, na sua vertente de causa de desejo.

Psicanalistas escrevemos talvez porque somos tocados tanto pela vida quanto pela teoria. O sofrimento das pessoas que nos procuram produz enigmas que nos desafiam. São enigmas que nos aproximam do lugar da falta e nos levam a percorrer os corredores do edifício da psicanálise, que tem características próprias. Como é obra apoiada sobre fundações sólidas, o construto teórico psicanalítico pode ser ampliado, pois mantém abertas suas portas para que o saber possa circular e frutificar. Por se tratar de um saber que inclui um não-saber, a psicanálise possibilita diferentes olhares, saídas, escritas.

A *Reverso 70* traz em suas páginas os artigos de autores instigados por temas diversos, que vão da teoria à clínica, da dança ao texto poético. E inclui a resenha da nova biografia de Freud, escrita por Elisabeth Roudinesco, que será lançada em breve no Brasil. A vida do S_1 da psicanálise – Sigmund Freud – recebe uma nova versão, a partir de um novo olhar.

De Portugal recebemos um texto inovador na escrita competente e leve do psicanalista José Martinho, Ph.D em filosofia e psicologia, e presidente da Antena do Campo Freudiano. José Martinho contribui para esta edição com um artigo de peso. A ele nossos agradecimentos.

A equipe da *Reverso* agradece a todos os autores que nos enviaram seus artigos para publicação, privilegiando a revista e o CPMG com sua escolha. Agradece também a Thiago Mendes pela cessão da sua obra denominada *O infiltrado*, bonita, lúdica e desconcertante, para figurar na capa desta edição.

A citação nas páginas internas da *Reverso* é de Thomas Mann, escritor alemão que recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1929. Em seu ensaio *A posição de Freud na moderna história das ideias* ele presta homenagem ao criador da psicanálise. A citação consta na página 176 do livro *Freud com os escritores*.¹ Dessa mesma obra se extrai o dizer:

Se o pensamento freudiano subsiste como obra, é pela força de suas descobertas intelectuais e por habitar poeticamente a língua (MANGO; PONTALIS, 2013, p. 23).

De volta ao começo, pode-se atrever a concluir que aquilo que a vida toca no fazer e no fruir da arte também toca na psicanálise. Vale sempre lembrar que o fazer psicanalítico possibilita que cada um encontre a saída pessoal mais estética para fruir da vida com maior leveza. ∞

Olímpia Helena Costa Couto
Editora

1. MANGO, E. G.; PONTALIS, J. B. *Freud com os escritores*. Tradução de André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2013.